

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Coleção do EstadoClass.: 157Data: 24.08.83

Pg.: \_\_\_\_\_

**Questões de  
190  
terra, bem  
encaminhadas**

A intranquila situação fundiária do Estado, envolvendo lavradores, índios, polícia, Igreja e latifundiários em conflitos permanentes caminha para uma solução a curto prazo, disse ontem o governador Wilson Barbosa Martins ao anunciar que o diretor-geral do TERRASUL – Departamento de Terras e Colonização de Mato Grosso do Sul – Euclides Farias, viaja ainda esta semana para Brasília com a finalidade de iniciar as discussões com o Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários visando definir as áreas para assentamento de quase 800 famílias de posseiros de Bodoquena, Taquarussu, Naviraí, Chapadão dos Gaúchos e Nova Andradina. O governador reuniu-se com o secretário de Agricultura e Pecuária João da Câmara, e com o diretor do TERRASUL e transmitiu-lhes a posição do Estado na questão: os colonos devem ser transferidos para áreas realmente férteis e que reúnam todas as condições para sua permanência, principalmente créditos. Enquanto nada se define, três posseiros do Chapadão dos Gaúchos viajaram, ontem, para Mato Grosso, onde conhecerão a colônia do INCRA em Braço-Sul. Se for viável, eles serão transferidos.

# 190 Posseiros viajaram para examinar terras em MT

Munidos de gravador e máquina fotográfica, pois querem documentar informações concretas que reflitam a realidade da área para não se enganarem – ou serem enganados – novamente, três posseiros representando as 63 famílias assentadas em maio do ano passado na Colônia Água Limpa, no Chapadão dos Gaúchos, iniciaram ontem o reconhecimento da colonização que o INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - está implantando em Braço-Sul, no Mato Grosso, para onde o Governo quer transferi-los.

Os colonos, Adão Ferraz dos Santos, Idalino Alves dos Santos e João Santana, viajaram ontem cedo numa aeronave do IAGRO, acompanhados do engenheiro agrônomo José Nascimento de Oliveira, da Secretaria de Agricultura e Pecuária, e por um membro do Comitê dos Sem Terra. Quando saíram da Colônia, na segunda-feira, preocupados se a terra em Colider é boa e se realmente vem ocorrendo casos de malária, três correntes dividiam as opiniões: um grupo quer permanecer na área, outro quer ficar no Estado, desde que o Governo lhe dê terra, e um terceiro prefere se aventurar, se a terra no Norte for fértil.

## MUITA INSEGURANÇA

O grupo designado para conhecer a colonização não quer simplesmente ser transferido para o Norte, viajando mais de mil quilômetros com os filhos e entre seus poucos pertences e os animais de estimação, pelo fato apenas de a terra ser de boa qualidade. “Quero ver também se tem saúde, senão minha família não sai do Chapadão, onde pode faltar água, e a terra não presta, mas ninguém fica doente”, é a opinião do lavrador Adão Ferraz dos Santos, pai de oito filhos, a maioria menor de idade.

Ele e os outros dois companheiros, juntos desde maio de 1981 quando cerca de três mil pessoas invadiram uma área em litígio em Itaquiraí, provocando um dos mais sérios atritos por terra no Estado, vão caminhar atentamente por toda a extensa Colônia Colider, onde já estão assentadas centenas de famílias das mais diferentes regiões do País. A máquina fotográfica e o gravador vão registrar a realidade do local e a promessa das autoridades de que ali terão condições de sobrevivência.

— Já estamos cansados de ser enganados, de dizerem que a terra é

maravilhosa e somos jogados nela sem saber o que fazer — proclama João Santana, que criticou severamente o ex-governador Pedro Pedrossian por ter sido transferido para uma área de duas mil hectares no Chapadão dos Gaúchos, às margens da rodovia que demanda a Cassilândia, onde, segundo ele, “a terra não presta, não tem água e estamos passando necessidades”.

## AVENTURAR, NUNCA

Os três posseiros e seus companheiros retornam a Campo Grande na sexta-feira com uma opinião concreta sobre as vantagens dessa transferência para o Norte. Pelo menos enganados eles não serão, segundo o agrônomo José Nascimento de Oliveira: “recebemos recomendação expressa do secretário de Agricultura e Pecuária para que os posseiros tenham todo assessoramento técnico, visando orientá-los quanto às condições do solo, o aspecto sanitário e a infra-estrutura na região que garanta a comercialização do que eles plantar”.

Adão Ferraz, João Santana e Idalino Alves sabem apenas de uma coisa: eles não vão se aventurar mais, estimulados pelas promessas do Governo que nunca refletem a reali-

dade desenhada. “Se não for interessante esta colonização, vamos tentar outras terras, aqui mesmo no Estado, ou permanecer no Chapadão, onde já trabalhamos em algumas fazendas próximas”, ressaltam. Contudo, mesmo que as terras no Norte sejam excelentes, o grupo de 63 famílias deverá se dividir, o que é normal segundo o técnico da SECAP.

— É muito difícil a permanência de um mesmo grupo de posseiros juntos por muito tempo. Logo surgem novas alternativas, de terras, como esta no Mato Grsso, as opiniões de dividem e eles se separam.

Depois do reconhecimento da área do INCRA, a preocupação dos colonos do Chapadão será com a possível transferência, com que condições esta operação será feita. Quando saíram de Itaquiraí, viajando em ônibus superlotados, percorreram mais de 800 quilômetros durante três dias de muito sofrimento. Algumas mulheres grávidas deram a luz nas estradas, distantes de qualquer centro urbano. Todos se salvaram, inclusive os cavalos, cabritos, porcos e as galinhas, mas foi difícil de suportar.